

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Annuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA.

Quinta feira 24 de outubro de 1895

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros.....	600 "
Numero avulso.....	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros.....	18000 "

RESUMO

Concursos de tiro, por Palermo de Faria. — Convites. — Premios. — Atiradores Civis Portuguezes, por J. F. Guimarães. — Aos amadores de Pombas. — Carreira de tiro. — A caça. — O tiro contra os bañes captivos. — Armas de guerra: a espingarda suissa e a franceza, por F. L. de Latour. — Caçada aos gamos. — A camurça, por Fulbert Dumouteil. — Cavallo salvo por um cão. — Um «stavlazzo» no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto.

CONCURSOS DE TIRO

VAE em poucos dias, a 10 de novembro proximo, realisar-se na Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços, o segundo concurso de tiro promovido pela Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, afim de commemorar o segundo anniversario da sua fundação em novembro de 1893. E' o segundo passo dado n'essa patriótica estrada que ha de terminar, acreditamol-o, pela generalisação do tiro em todas as camadas sociaes, pelo convencimento geral de que precisamos fortalecer e armar o braço para defender a integridade da patria e ter voto e valor politico no convivio das nações.

A' nobre e generosa idéa de estabelecer em Portugal o tiro civil, ao appello que n'um momento feliz essa lei fazia ás tradições do nosso passado heroico, responderam meia duzia de homens com a esperanza de que era possivel lançar os fundamentos d'um edificio de que dependeria, talvez, o renascimento do povo que fóra grande e respeitado, porque contava o numero de soldados pelo numero de seus filhos, e que dera ao mundo inteiro as mais brilhantes provas de quanto póde a audacia e a galhardia, a força e o patriotismo.

E esse pequeno grupo, escudado apenas na convicção da santidade da causa que ia defender, apóstolos novos d'uma idéa nova, lançaram-se resolutamente no caminho da propaganda em favor do tiro civil, a que infelizmente ainda não podemos chamar tiro nacional, e fundaram uma associação, lançaram os alicerces d'esse edificio que vae crescendo e que abrigará um dia todos os portuguezes, todos os filhos d'esta nobre terra que conquistou para a civilisação e para a humanidade o maior, o mais rico e o mais vasto dos imperios.

Hão de encontrar espinhos e abrolhos n'essa vereda ainda tortuosa; hão de ter luctas e sacrificios para levar a todos o convencimento de que ao lado do exercito, a quem está confiada a defeza e a honra do nosso patrimonio, é preciso encontrar o cidadão exercitado, o patriota convencido da sua força e do seu valor, porque sabe empunhar a arma com que ha de defender o lar e a familia, a honra e a integridade d'um terri-

torio que é seu, porque lhe foi legado por aquelles que o souberam desbravar de extranhos e povoar com homens livres.

O primeiro concurso, em novembro do anno nindo, representou uma conquista e uma esperanza. Uma conquista porque até então a Associação dos Atiradores Civis Portuguezes não havia dado ainda as suas provas; uma esperanza porque o resultado obtido n'esse certamen foi sem contestação, dos mais bellos e dos mais lisongeiros. E se consultarmos a estatistica da carreira de tiro, se compararmos o numero de atiradores do anno passado e o numero de frequentadores d'este anno, nós vemos com prazer que dia a dia se vae realisando um progresso, lento é verdade, mas por isso mesmo mais firme e mais seguro, e convencemos-nos de que o concurso de 10 de novembro de 1895, ha-de marcar na historia das associações do tiro civil e até na historia do tiro nacional, uma data que será recordada com alegria e citada como exemplo.

Caminhemos, pois; prosigamos tranquilos e intemeratos; lancemos á terra, com a serenidade que dá a consciencia do cumprimento d'um dever, a semente que ha de fecundar, a vergonte que ha de ser carvalho, a pedra que ha de ser edificio, o regato que ha de ser torrente, a brisa que ha de ser tufão, e no dia em que ao lado do exercito se levantar o povo com a comprehensão dos seus direitos e dos seus deveres, com a certeza da sua força e do seu valor, o prestigio antigo d'esses audaciosos navegadores e d'esses guerreiros impávidos que levaram ao mundo inteiro esse espectaculo unico na historia das nações, o pavilhão immaculado da patria poderá tremular sereno ao lado dos que hoje pretendem rasgar-lhe as quinas e derrubar-lhe os castellos, porque terá para deffendelo um povo inteiro, uma nacionalidade de fortes e de aguerridos que saberá impôr-se e manter illesa a sua independencia e a sua liberdade.

Caminhemos, pois!

Palermo de Faria.

CONVITES

A Direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes tendo o maximo empenho de que ao concurso de tiro, commemorativo da sua fundação, concorra o maximo numero de atiradores dividiu o programma d'esse concurso em duas partes:

A primeira, tiro com a arma de guerra unicamente para os socios da Associação, a segunda tiro com quaesquer armas contanto que o sr. capitão Vergueiro, distincto director da Carreira, as julgue nas condições do regulamento.

Para esta parte do concurso os alvos terão 1^m,80 de alto por 0^m,90 de largo e serão collocados a 400 metros. Poderão concorrer todos os atiradores tanto civis como militares e tanto nacionaes como estrangeiros.

Dando noticia d'esta parte do programma a direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes dirigiu convites para tomarem parte no concurso e fazer-se representar ás seguintes agremiações:

Associação dos Atiradores Civis Estrella, Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, Club dos Caçadores do Porto, Club Instructivo dos Caçadores de Vianna do Castello e Gremio de Santarem.

PREMIOS

A Associação dos Atiradores Civis Portuguezes por iniciativa da sua dedicada direcção enviou numerosas circulares ás pessoas mais conceituadas e mais altamente collocadas, pedindo-lhes premios para o concurso que se vae realizar no dia 10 do proximo mez.

E' de suppór que a este patriótico appello corresponda a nunca desmentida generosidade do character portuguez.

Depois do concurso daremos a relação das pessoas que tiverem oferecido premios para os atiradores que mais se distinguirem.

ATIRADORES CIVIS PORTUENSES

MAS uma vez a cidade do Porto recebeu a visita do illustre ministro da guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, a quem tanto são devedoras as sociedades de tiro nacionaes.

Sua ex.^a que chegou na manhã de 15 do corrente para assistir ás manobras da guarnição do Porto, demorou-se apenas 13 horas; acompanhou os exercicios em Leça da Palmeira até ás 4 da tarde, hora em que regressou ao Porto, partindo para a capital no comboio-correio das 8 horas e 30 minutos da noite, motivo porque não teve tempo para visitar esta associação.

Na gare de Campanhã foi-lhe apresentada pelo sr. general Vasco Guedes uma commissão de membros da direcção da associação dos atiradores composta dos srs. Peixoto de Sousa, Nascimento Guimarães e L. Pinheiro, que o sr. ministro recebeu affavelmente, sendo-lhe entregue uma representação agradecendo os valiosos serviços por s. ex.^a prestados á associação e instando novamente pelo estabelecimento de uma carreira de tiro junto a esta cidade.

Egualmente se lhe solicitou a honra de aceitar a presidencia honoraria da *Associação dos Atiradores Civis Portugueses*, ao que s. ex.^a de prompto e gostosamente accedeu prometendo que continuaria a dispensar-lhe a sua alta protecção.

Com relação á *Carreira do tiro*, os estudos para a sua construcção em Matosinhos não tinham satisfeito.

Em S. Gens o local é mais apropriado e é ahí que tenciona mandar construir a logo que estejam concluidos os respectivos plano, orçamento, etc.

Folgámos de ouvir estas palavras da bocca do nosso illustre presidente honorario que reconhece que a Associação não pode desenvolver-se convenientemente sem haver aqui uma carreira de tiro official, cuja rapida construcção desejamos.

Porto — Outubro, 1895.

J. F. Guimarães.

AOS AMADORES DE POMBOS

A CONTECE muitas vezes haver difficuldade em reconhecer os pombos e as pombas.

Emprega-se o meio seguinte para os pombos, rolas e outras aves da mesma especie.

Suspende-se o animal pelos dois pés e n'esta posição pucha-se-lhe o bico: se põe a cauda para baixo é macho, se levanta a cauda é femea.

Este meio deu sempre resultado.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 20 do corrente, dispararam-se 860 tiros com a arma de guerra.

Os alvos estavam dispostos pela seguinte forma: n.^{os} 1 e 2, normal, a 100^m; n.^o 3, normal, a 400^m; n.^{os} 4 e 5, normal, de 200^m a 400^m; n.^o 6, normal, a 200^m; n.^{os} 7 e 8, figura de joelhos, a 200^m.

A Associação dos Atiradores Civis Portugueses, fez-se representar n'esta sessão de tiro, por 27 dos seus mais distinctos atiradores, que fizeram 530 tiros com a arma de guerra, empregando 271 balas e 92 tiros com a carabina *Colts*.

A Associação dos Atiradores Civis Estrella, estava representada por 5 socios, que fizeram 70 tiros com a arma de guerra, empregando 58 balas.

Fez-se uma poule a 200^m, no alvo, figura de joelhos, com series de 5 tiros, dando o seguinte resultado:

	Balas acertadas
Antonio Joaquim Rodrigues	3
João Consiglieri Pedroso	3
José Mendes Gouveia	3
Manuel Antunes Ribeiro	3
Prospero Meyrelles	3
João Moraes Carvella	2
G. Portocarrero	1

Desempeate:

Antonio Joaquim Rodrigues	4
João Consiglieri Pedroso	4
José Mendes Gouveia	3
Manuel Antunes Ribeiro	3
Prospero Meyrelles	0

No segundo desempate:

Antonio J. Rodrigues	1
João Consiglieri Pedroso	0
José Mendes Gouveia	0

Depois de tão renhida lucta a poule foi ganha pelo sr. Rodrigues.

Um grupo composto dos srs. João Consiglieri Pedroso, Antonio Joaquim Rodrigues, Jacintho Nunes Soares, Fortunato Soares da Silva e Anselmo de Sousa, estiveram durante uma parte da sessão de tiro, no abrigo de 200^m acompanhados pelo nosso distincto amigo o sr. tenente Crisogono Nunes Pinto, digno sub-director da Carreira. Este cavalheiro poz os visitantes ao

facto de como se fazem as diversas medições e contagens nos alvos, em occasião de concursos, sahindo d'alli todos satisfetissimos e aptos para o desempenho d'aquelle serviço.

A Associação dos Atiradores Civis Portugueses vae assim, dia a dia, educando os seus socios, não só como atiradores, que já os tem de primeira ordem, mas completando-lhe o ensino para todos os serviços que correspondem á educação do tiro nacional.

A CAÇA

Do nosso excellente collega *A Estrella Povoense*, da Povia de Varzim, colhemos a seguinte noticia:

«Pôde considerar-se terminada a caça das codornizes n'este concelho.

Os milhos estão quasi todos cortados e os poucos que restam já não tem codornizes. Foi *chão que deu uvas*.

Os caçadores, porém, já fizeram boa colheita das saborosas gallinaceas, que este anno — que pôde talvez qualificar-se de bom — arribaram para aqui em grande quantidade.

Visitaram-nos tambem algumas abetardas, e grande numero de rolas.

As vitoras, que abundam muito nas freguezias do norte d'este concelho, fizeram este anno das suas.

O nosso amigo H. van-Zeller tarjou de preto as ultimas notas das suas lides venatorias. A sua *Raça*, uma cadella *pointer*, de bellas formas e optimos narizes, foi mordida por uma vibora no logar de Mourilhe, freguezia de Amorim, pelas 11 horas da manhã do dia 5, e, apesar de ter sido logo cuidadosamente untada com toucinho velho, ás mesmas horas do dia seguinte estava morta.

Só os verdadeiros caçadores sabem apreciar quanto calam fundo estes golpes e não estranharão por isso que tomemos parte na dôr d'esse amigo, nós — que tantas vezes admiramos as excellentes qualidades da *illustre extincta*»

* *

No sitio do Architecto, limites de Mafra, os srs. Francisco Carlos Oliveira e Antonio dos Santos Oliveira, dois distinctos caçadores, encontraram uma gallinhola, que foi morta pelo primeiro.

No termo de Cascaes, tambem já foram mortas duas, o que tem causado grande admiração aos amadores, por ser pouco vulgar o apparecimento d'esta caça tão cedo e com o calor que tem feito.

O TIRO CONTRA OS BALÕES CAPTIVOS

(Concluido do n.^o 33)

As difficuldades da pontaria augmentam com a altitude do aereostato; ha, ás vezes, necessidade de enterrar a culatra das peças, o que é uma demora e incommodo sério para o serviço das boccas de fogo, principalmente no caso em que se é levado a modificar a direcção das peças; e o aereonauta tem, pois, interesse em elevar-se o mais possível. No entanto, como importa antes de tudo que possa observar, a altura a dar ao balão fica limitada. Os austriacos pensam que a altitude de 800 metros, proximoamente, apresenta a vantagem de incommodar o tiro do inimigo, permitindo as observações.

No que respeita a distancia, as condições a procurar são as seguintes: collocar o balão fóra do alcance effizaz e perigoso da artilheria de campanha inimiga (4.000 metros proximoamente) sem o affastar de mais dos pontos a vigiar afim de que se possa, da barquinha, distinguil-os nitidamente. Em vista das experiencias feitas na Austria, a distancia maxima assim definida seria de 8 a 10 kilometros.

Finalmente, todo o movimento dado ao balão, quer no sentido vertical, quer no

sentido horizontal, torna particularmente difficil regular o tiro. Se o movimento incommoda as observações do aereonauta, pode-se, como se fez na experiencia ultima, fazer mover o balão por intermitencia, o official collocado na barquinha aproveitará, para olhar, todos os instantes de paragem.

Taes são as idéas que parecem ter presidido á organização dos tiros dados na Austria a 10 de julho ultimo; estas foram conduzidas em condições que se approximavam o mais possível das de guerra.

Collocado a 5.000 metros proximoamente d'uma bateria, o aereostato elevou-se a 800 metros de altitude; poz-se duas vezes em movimento durante a execução do tiro. Eis alguns pormenores sobre estes ensaios:

O balão *Budapest*, com 10 metros de diametro horizontal e 14 metros de diametro vertical, elevou-se bruscamente e subiu a 800 metros.

Logo que foi visto acima do horizonte, uma bateria de 8 peças de 8 centimetros tomou posição e começou logo contra elle o tiro a *shrapnels*, á distancia de 5.250 metros (7.000 passos) O angulo de tiro variou de 25° a 27° e teve que cavar-se o solo para collocar o extremo dos reparos das peças nas excavações.

Ao fim de 8 tiros, a alça de 750 metros (1.000 passos) estava obtida, o capitão dispunha-se a concluir a pontaria quando os apontadores lhe disseram que o aereostato se deslocava. Este movimento, bastante lento, podia á vista desarmada, ser confundido com as oscillações inherentes aos balões captivos, mas o apontador tendo constantemente o seu extremo no fim da linha de mira, distinguia o nitidamente. Teve que fazer-se novo alceamento.

Apenas os projecteis começavam a grupar-se na visinhança da segunda posição do aereostato este tornou a deslocar-se; tudo voltou á primitiva. Em breve se consumiram 80 shrapnels destinados á experiencia; tinham dado proximoamente 10.000 balas ou estilhaços e o balão continuava a pairar tranquillamente no espaço.

Alguns homens, collocados n'um abrigo, faziam, durante o tiro, mover o balão com o auxilio d'um cabo.

Quando desceram o aereostato, verificaram a existencia de tres buracos de pequenas dimensões, que pareciam não ter comprometido a sua força ascensional.

A bateria era commandada pelo capitão director da Escola de tiro; o resto do pessoal não tinha recebido nenhuma instrução anterior especial.

Os factos interessantes que resultam d'estas experiencias são os seguintes: primeiro que um balão pode receber no seu involucro umas quinze balas ou estilhaços, de pequenas dimensões, sem perder a sua força ascensional, mas que um só rasgão um pouco grande, produzido por um projectil inteiro ou por um grande estilhaço, provoca logo a sua queda. Em segundo logar que um balão captivo, collocado a 800 metros d'altitude e a 5.000 metros da artilheria inimiga e que se desloca por intermitencia quando o tiro do inimigo se torna perigoso para elle, tem grandes probabilidades de ficar indemne.

Para proteger um balão captivo, haverá portante vantagem em utilizar a altitude, a distancia e o movimento.

(Da *Revue Scientifique*.)

ARMAS DE GUERRA

A espingarda suíça e a franceza

O *Tir National*, órgão official da «União Nacional das Sociedades de tiro de França» publica a proposito do ultimo concurso de tiro em Winterthur um artigo interessante que vamos traduzir.

E' o seguinte:

«De todos os tiros federaes suíços a que temos assistido ha mais de dez annos, é certamente o de Winterthur o mais importante como installação. Foi, com effeito o primeiro tiro federal com alvos tão numerosos: 200 a 300 metros para espingardas e 20 a 50 metros para revolver. E' bom accrescentar que nos alvos para espingarda, posto que a affluencia de atiradores fosse tão grande, senão maior, do que nos concursos precedentes, os atiradores estavam á vontade, e não tinham como em Glaris e Frauenfeld que esperar a sua vez, para atirar 10 tiros, 30 a 35 minutos. Os atiradores manifestaram o seu contentamento e se a despeza de installação foi grande, a receita pela sua parte, augmentou incontestavelmente.

«Não emprehendemos descrever aqui o que é um tiro federal na Suíça. Todos sabemos em França o que é, e o caracter grandioso d'estas manifestações que n'este paiz estão no primeiro plano das festas publicas. Desde que os atiradores francezes, cujo numero augmenta em cada concurso, adquiriram o louvavel costume de ir fraternisar no tiro com os nossos amaveis visinhos, todos conhecem aqui estas festas populares ainda que não seja senão por ter ouvido descrevel-as áquelles que lá foram e que voltaram entusiasmados.

«Excepto o lado importante que se accentua constantemente, quem viu um tiro federal, tem visto dez e á parte os melhoramentos que o progresso realisa em cada nova manifestação na sua parte technica especialmente, os tiros federaes suíços são, antes de tudo, festas de patriotismo, em que todos os cidadãos, tanto de perto como de longe, desejam fazer-lhe realçar o brilho com a sua presença.

«Sob o ponto de vista do tiro, o concurso de Winterthur apresenta sobre os precedentes um lado caracteristico que chama a attenção: n'este concurso, o ponto importante estava no facto de todos os tiros serem dados, á parte algumas excepções muito raras, com a nova espingarda da ordenança e com a carabina de pequeno calibre, servindo para ambas as cargas da ordenança.

No tiro federal precedente, em Glaris, tinham-se visto já alguns atiradores com a nova espingarda suíça, mas era esta a excepção e a carabina do antigo calibre era ainda de uso corrente.

«O concurso de Winterthur foi, se assim nos podemos exprimir, o enterro das armas de grosso calibre. E este resultado desejava-se vista a designação do programma que dava a vantagem de seis centímetros, nos alvos girantes, para a espingarda da ordenança suíça, sobre todas as outras armas.

«Alguns atiradores francezes que tinham levado a espingarda Lebel, pensavam poder, com esta excellente arma, sustentar a lucta. Não tinham pensado que sendo esta espingarda assimilada ás armas de amadores e não admittida

como arma da ordenança deviam atirar sobre um cartão com 32 centímetros, quando com a arma da ordenança suíça, se atirava a um cartão com 38 centímetros. Portanto a sua tentativa não foi senão... uma tentativa e bem depressa começaram, como todos os outros atiradores, a fazer fogo com a espingarda da ordenança suíça ou carabina de pequeno calibre. Os resultados obtidos por elles foram satisfactorios e notaveis até para alguns. A estatistica de que proximamente publicaremos o extracto a respeito d'estes atiradores o provará.

«Sentimos vivamente que os nossos atiradores não tivessem podido concorrer com a espingarda Lebel nas mesmas condições dos atiradores suíços com a sua arma de ordenança, não sob o ponto de vista do concurso em si para obter premios, mas para estabelecer a comparação balistica d'estas duas armas. Teria sido uma bella occasião de conhecer o seu valor respectivo, tanto mais que o concurso de Winterthur havia reunido ao mesmo tempo tudo quanto ha de melhores atiradores na Suíça e na França.

«Posto que esta comparação não tenha podido estabelecer-se, que ao menos nos seja permitido dizer o que pensamos d'estas duas armas.

«A actual espingarda suíça, modelo 1889, do calibre de 7^{mm} 1/2 apresenta sob o ponto de vista do manejo, qualidades e defeitos. As suas qualidades residem principalmente no mechanismo do carregamento que se faz por um simples movimento de vae-vem de deante para traz para descarregar e de traz para deante para carregar e no gatilho que, levado ao entalhe de armar sem esforço, exige ligeira tracção para que o tiro se dispare. Esta suavidade do gatilho é muito apreciavel e é certamente a ella que devem attribuir-se os bons resultados que se obtem, em concurso, com esta arma. Mas a isto devem, segundo nós, limitarse as qualidades da espingarda suíça, as quaes são contrabalancadas pelos seguintes defeitos: a espingarda é demasiadamente mocissa; fica mal na mão, defeito muito prejudicial nos tiros de precisão, sobretudo na posição de pé. A mira é má; é a antiga mira em forma de V invertido que tinhamos nas espingardas Gras, forma muito defeituosa para os tiros de precisão. Sabemos que antes de tudo, esta espingarda é uma arma de guerra e, como tal, pode muito bem deixar de reunir todos os aperfeçoamentos que reclama o tiro de precisão. Mas, a nossa espingarda Lebel é igualmente, e antes de tudo, uma arma de guerra e isto não impediu de a dotar com uma mira mais pratica e mais commoda do que a antiga mira em V tão defeituosa para a visão.

«A justeza da arma é boa e a este respeito pensamos que a espingarda suíça é uma das melhores armas regulamentares conhecidas até hoje. No emtanto temos que apresentar uma observação: pareceu-nos que o tiro com esta arma e o cartucho da ordenança apresentavam desvios bastantes sensiveis. E' á arma que devem attribuir-se ou então ao cartucho? Pareceu-nos no emtanto que os desvios eram menos pronunciados nos tiros com a carabina: Seria então á arma que se deveriam imputar estes desvios!

«A espingarda Lebel tem, tambem, as suas qualidades e defeitos. As qualidades encontramol-as no manejo igualmente facil e sobretudo na forma delicada que faz d'ella uma arma facil de ma-

nejar e que o atirador, mesmo o atirador de precisão, tem bem na mão. A mira é excellente e apresenta progresso real sobre a antiga forma em V, como dissemos mais acima. A sua precisão é notavel e sob o ponto de vista dos desvios, pensamos que não apresenta tantos como a espingarda suíça. Os seus defeitos! Tem-nos? O gatilho talvez, comparado ao da espingarda suíça poderia ser considerado como menos bom, menos commodo, para os tiros de precisão bem entendido. Os dois kilogrammas de resistencia que deve offerecer quando levado ao entalhe d'armar parecem-nos excessivos e o gatilho suíço, com a sua extrema suavidade, não nos parece apresentar maior perigo, quanto á probabilidade dos tiros disparando-se inopinadamente.

«Um só ponto constitue para a Lebel real inferioridade, é o systema de armar para a repetição; é evidente que o carregador hoje preferido em toda a parte deixa a espingarda melhor equilibrada e mais solida, mas a nossa arma nacional não é menos uma arma de guerra de grande valor que forma com as suas munições exceptionaes um conjunto incomparavel.

F. L. de Latour.

CAÇADA AOS GAMOS

No ultimo domingo, 20 do corrente, um grupo de quatro dos nossos amigos caçadores-amadores d'esta cidade, foram fazer uma batida a Pancas, auxiliados por alguns caçadores de Samora Correia.

A diversão correu animada, matando-se duas bellas rezes com cerca de 40 kilos cada uma.

A CAMURÇA

É a unica antilope que ainda se encontra na França. E' o mais rapido, o mais vivo, o mais vigilante e o mais usado dos habitantes das montanhas. É o mais sincero amante da liberdade.

Não tem outros bens além da sua agilidade, outra felicidade além da sua independencia, procura-a de rochedo em rochedo, pede-a aos picos inacessiveis dos Alpes e dos Pyrinéos; o seu ultimo retiro, á beira dos abysmos, ás cristas nevadas e ás geleiras. Encontra-a finalmente na região das tempestades e do raio e pára alli; mas se a liberdade se encontrasse mais acima, a camurça iria procural-a.

Para ella a liberdade é tudo. Não a ostenta, ama-a ingenuamente, ama-a como a vida porque sem ella não viveria.

Deixando de ser livre deixaria de ser ella propria. Indomita, indomavel e orgulhosa, não é selvagem; tem genio tão alegre e meigo quão gracioso e encantador é o seu porte.

Pernas d'aço, formas delicadas e finas, orelhas arrebidadas, olhar limpo e meigo, grandes olhos pretos, pontas direitas e curtas, curvas no extremo em forma de gancho como para as ajudar a suspender nas saliencias dos rochedos, por cima dos abysmos; finalmente, corpo bem feito, nervoso, prompto a saltar, ou immovel sobre um rochedo como figura de religio.

Nada iguala a sua agilidade e rapidez. É inutil perseguil-a, impossivel alcançal-a. Não se caça, faz-se-lhe emboscada, espera-se, aponta-se e mata-se.

Não se apanha; cae, morre. Uma bala a feriu e só a bala é mais rápida do que a camurça.

Dotada de feroz tão subtil como de vista penetrante, tem o ouvido fino e o pé ligeiro; fareja o caçador antes de o ter visto, dá um grito de alarma e desaparece, podia dizer-se evapora-se! Quando se vê cercada, salta e derruba nos precipícios o caçador intrepido que foi até ás nuvens em busca da sua pelle preciosa e carne delicada.

Não se vê, viu-se. Não olhem; está muito alta, muito longe, perdida nos cumes, como a aguia se perde nas nuvens.

Não conhece a vertigem, mas o vèl-a faz vertigens. E' preciso vèl-a passar como ave, como flecha, saltar de rochedo em rochedo, descrever espantosas curvas no espaço, correr á roda de precipícios sobre cristas escarpadas, saltar ás vezes d'uma altura de doze metros para cahir firme sobre a ponta d'uma rocha, onde, por milagre de equilibrio e de audacia, mal tem onde pôr as patas.

E' o Leotard e o Blondin das montanhas, tendo por circo os Alpes e os Pyrinéos, por trapezio uma agulha, por espectadores as aguias e os abutres, por orchestra o ruido das cataractas e das torrentes.

E' feliz. O que lhe falta? Não tem a herba aromática das montanhas e a agua azulada das geleiras? Não tem a liberdade? Não essa liberdade fingida, essa liberdade d'este mundo que ensanguenta ou que enodôa, mas a verdadeira liberdade das alturas, serena, grande, eterna, que se estende sobre a immensidade e se approxima do céo.

A camurça é uma estrategica de primeira ordem. A sua prudencia e sagacidade são proverbias. Quando um bando de camurças acampa sobre um rochedo, emquanto umas descansam, as outras fazem patrulhas e a mais velha vigia, escuta, olha, espera. Ao menor ruido, esta sentinella dá o grito d'alarma, um grito agudo, prolongado, e tudo salta, desaparece: uma *avalanche* viva.

Mas ha um perigo que a camurça não saberia evitar e que paira constantemente sobre a sua cabeça como outra espada de Damocles; é o grande abutre, esse despota do ar, esse dictador das nuvens que a espreita, a segue, cae como uma pedra, a atordoa com o ruido das azas, a cega com o bico e a leva moribunda nas potentes garras.

E' uma morte horrivel, mas não é a escravidão!

Fulbert Dumonteil.

CAVALLO SALVO POR UM CÃO

Do nosso estimado collega *Diario d'Elvas* transcrevemos a seguinte noticia, que mais uma vez vem confirmar a intelligencia d'este nobre animal:

«Ha pouco deu-se um facto no Mondego, em frente á Figueira da Foz, que muito commoveu e sensibilizou todos os que tiveram occasião de o presenciarem.

«Tomava a essa hora banho dentro da doka um magnifico cavallo, que era guiado de terra pelo tratador. De repente um forte esticão do animal fez soltar a corda que o segurava, deixando-o em completa liberdade. Já o cavallo se dirigia a nado para fóra da doka a precipitar-se inconscientemente na corrente da maré, quando um bom cão Terra Nova, que brincava na agua, proximo ao caes, lançando-se rapido a nado em breve alcançava e cercava o cavallo, fazendo-o recuar e ajudando-o ao mesmo tempo a chegar a terra, puxando-lhe a corda com os dentes.

«Ha cães que valem mais de que muitos homens.»

UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 33)

E o teu cão sabe o que faz?

—Perfeitamente.

— Isso não é crível, disse eu.

— Excellentissimo, amanhã durante a caçada verá cousas ainda mais inverosímeis.

— O que lhe mandaste fazer ha pouco quando o fizeste sair?

— Foi espreitar.

— E comprehendeste pela sua maneira de proceder, quando voltou, que os guardas se haviam afastado?

— Precisamente.

— Vinha alegre, isso comprehende se, trazia-te uma noticia boa; mas se te houvesse trazido uma noticia má, como por exemplo que a cabana era vigiada, como se portaria?

— Como viu elle fazer quando os guardas bateram á porta; ter se-ia deitado ao comprido. Quanto maior é a sua apathia, tanto maior é o perigo que indica.

— Tudo isso é prodigioso, e comprehendendo, Titano, que recuse vender um animal tão precioso. A sua superioridade como caçador é igual á que tem mostrado como contrabandista?

— A esse respeito não digo nada, excellentissimo. Julgará amanhã.

E Titano entregou-se aos preparativos da nossa ceia, que todos estes acontecimentos tinham retardado um pouco.

A prodigiosa actividade do nosso hospedeiro, livre agora de inquietações, fez-lhe recuperar em breve o tempo perdido.

N'um volver d'olhos, a fritada posta um momento sobre o lume, estava em cima da mesa.

Emquanto comiamos, Titano foi buscar ao bahú, para o pôr tambem deante de nós, um magnifico pastellão de peridizes e faizões, feito por elle com um talento que não teria desagradado ao mais habil cosinheiro; presunto de Milão, atum de Marselha, certamente *traído pelos môchos*; enchovas, azeitonas e gulodices sem numero.

Quanto aos vinhos eram preciosos e tão variados como as iguarias.

Quando a nossa mesa estava guarnecida com tudo quanto nos era necessario para ceiar bem, Titano a um novo convite do marquez, foi sentar-se entre mim e Stephano.

— Excellentissimo, disse elle dirigindo-se ao primeiro, não terá hoje as suas ovas de solho mas prometto-lh'as para amanhã. O môcho piou esta noite.

— Mas amanhã teremos bom tempo para a caçada? perguntei eu.

— Magnifico, excellentissimo, e prometto-lhe caça e prazer.

— E se os contrabandistas precisarem de ti durante a ausencia, o que farão?

— Não passariam cá senão depois do sol posto e a essa hora é provavel que estejamos de volta; além d'isso...

— Ouve, meu bom Titano, interrompeu o marquez com affectuosa gravidade, fazes mal em não abandonar esse perigoso mister, e permite-me que accrescente, pouco conveniente para um velho soldado que nunca tem nada de que o accusarem. Tu foste hoje seriamente denunciado, és vigiado; aquelles que te venderam e aquelles que te observam não

te darão paz nem tregoa. Acabarão por te apanhar em flagrante delicto; matarão o teu cão, e far-te-hão pagar uma multa que te reduzirá á miseria.

— Matar o meu cão, excellentissimo! exclamou Titano empallidecendo de colera e batendo com o punho em cima da mesa. Desgraçado d'aquelle que tivesse essa ousadia!

— Matal-o-ias, não é verdade?

— Tão verdade como ser o mais nobre e mais valente fidalgo do Piemonte.

— Seria bonito! Ora vejamos, estimas-me um pouco?

— Se o estimo, excellentissimo?

— Pois bem, promette-me que d'aqui em deante deixarás essa gente vencer por si só as difficuldades.

— Estou comprometido ainda para uma passagem.

— Vá lá essa, mas depois...

— Depois... depois... respondeu Titano hesitando, farei o que vossa excellencia quizer.

— Está prometido?

— Está jurado, excellentissimo; á sua saude!

Na madrugada seguinte levantaram-se cedo e adquiri logo a certeza de que ao menos uma das duas promessas que o velho Titano nos tinha feito na vespera á noite se realisaria, porque tudo annunciava um dia magnifico, um d'esses dias cuja apparencia só, basta para fazer entrar a esperanza e a alegria no coração do caçador.

Quando cheguei á porta da cabana, que tinha aberto com precaução para não accordar o meu companheiro e o meu hospede, a noite não estava ainda acabada inteiramente, mas como era bella ao terminar!

Tinha a transparencia dos mais puros dias e a suavidade das tardes mais quentes.

O ruido vago da queda d'alguma cascata longiqua e o murmurio proximo d'uma fonte chegavam-me aos ouvidos, confundidos em harmonia ao mesmo tempo imponente e melancholica.

A brisa fresca e perfumada como o halito d'uma creança de peito, trazia-me as suaves emanações das violetas e das flores silvestres que crescem e desabrocham no outomno nos pincares dos Alpes, encantador e ultimo esforço da sua natureza em breve paralyzado pelo inverno.

A' minha direita, o crescente da lua, delgada como um arco de prata, desaparecia por de traz d'um pico coberto de neve, illuminando-o com uma côr rosada cujo effeito era arrebatador e ao mesmo tempo novo para mim.

A' minha esquerda, a folhagem d'um grupo d'arvores sussurrava com voluptuosidade mysteriosa, semelhante á conversação nocturna de dois amantes.

Nada poderia dar ideia do encanto e da paz d'estes raros instantes que eu saboreava com embriaguez estatica.

Depressa appareceu a aurora radiante e esplendida como uma menina que Deus houvesse dotado de graça encantadora e de belleza magestosa.

No azul sombrio do ceu ainda brilhavam algumas estrellas e já uma faisca de raios de esplendor sem igual se lançava no Oriente semelhante a um *bouquet* de fogo d'artificio.

(Continúa.)

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINHO

Typ. do Commercio de Portugal—Rua Ivens, 35 a 41